

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

TIPOGRAFIA SOCORRO

FABRICA DE CARIMBOS  
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO  
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS  
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 230 — Domingo, 3 de Novembro de 1957

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## OBRA ASSISTENCIAL

às crianças do ensino primário

A DIREÇÃO Geral do Ensino Primário, no prosseguimento de uma iniciativa que se enquadra, em absoluto, na sua função pedagógica e em cumprimento de planos de trabalho que merecem a melhor aten-

### Contas Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

#### Mãos Dadas

Jardim que o Outono enfermo  
cruza em brandas passadas...  
Vejo-os — vão de mãos dadas  
pelo caminho ermo.

A morte ronda all  
mas não perturba o joço.  
O pássaro de fogo  
até da morte ri.

Vão de mãos dadas. São  
pelos caminhos doentes  
como duas sementes  
à procura de chão.

#### O galo

O galo vai morrer. O sol aquece  
a pena sua irmã.

E vai morrer... oferece  
mais alto a crista, que estremece  
ao voluptuoso apelo da manhã.

Vitorioso. Como se soubesse  
que toda a morte é vã.

#### A oração da Maria

«Guerra não!  
Guerra não!»  
— é de noite  
e de dia  
a oração  
de Maria

Já na casa  
onde mora  
tudo agora  
(o tarco,  
o boneco  
que chora  
que ri  
e diz papá

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

ção do Governo, vai proceder, no começo do ano escolar, a mais algumas distribuições de vestuário pelos alunos necessitados, efectuando-as através da obra magnífica das popularíssimas e prestimosas Cantinas.

Nos Centros de trabalho do comissariado de Desemprego confeccionaram-se agora cerca de 60.000 peças de vestuário, no valor de 1.200 contos e que serão, em breve, distribuídas a muitos milhares de crianças das escolas primárias do País.

O Subsecretário da Educação visitou todo este material, exposto num grande armazém nos arredores da capital, tendo, então, o dr. José Gomes Branco, em nome da Direcção Geral do Ensino Primário afirmado:

«A frequência da escola primária — é gratuita e obrigatória. O Estado, ao exigir a todas as crianças essa frequência, oferece-lhes escola e professor. Os serviços procuram depois facilitar as crianças o cumprimento dessa obrigação. Des-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## RADIO COSTEIRO

A Delegação do Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha, inaugurou no passado dia 28 de Outubro, um posto de Rádio-Costeiro nesta vila.

Este posto denominado C. U. X. 7, que há muito se impunha, pela absoluta necessidade de contactar com a nossa frota de pesca, trabalha na frequência dos 1.667 K/W e tem uma potência de 45 a 50 W, tendo empregados 4 rádio-telegrafistas, em permanente serviço de escuta e informações.



UM ASPECTO TÍPICO DA ARQUITECTURA ALGARVIA

## ALGHARB

“ONDE A TERRA SE ACABA E O MAR COMEÇA...”

FÉRIAS! Palavra mágica que nos abre novas perspectivas, novo ambiente, novos rumos.

Férias! É o silvo de um comboio correndo para o desconhecido, é a sirene de um navio que demanda a barra e nos levará por esses mares além — é o ruído de

POR  
**LEONOR BELLO**

um avião ganhando altura, atravessando as nuvens, perdendo-se no infinito.

Férias! É um recinto de Portugal que nos espera, é o estrangeiro, qualquer coisa que ainda não conhecemos, é quase sempre uma promessa.

Este ano uma parte do Algarve constituía para mim essa promessa, que se transformou numa deliciosa realidade ao chegarmos, finalmente, a Ferragudo, depois de uma óptima viagem.

Ontem gosamos o Poente na Praia Grande, cuja areia é macia como veludo.

Tento aos pés toda a enorme bacia que forma o rio Arade; na outra margem ergue-se o casario multicolor de Portimão, cidade industrial, e sobre as águas, muito

calmos, os barcos assemelham-se a grandes aves adormecidas. Pela estrada fora, levantando nuvens de poeira, passa uma carrinha perturbando a serenidade da paisagem com o seu movimento ondulante. Estas carrinhas com duas rodas e puxadas por um cavalo, são uma das coisas típicas desta região. Percorrem constantemente o trajecto entre Portimão e Ferragudo e Portimão e a Praia da Rocha e, embora não ofereçam uma grande comodidade, têm o seu quê de pitoresco para quem vem dos grandes centros onde os meios de transporte nos dão o máximo conforto.

Hoje não há vento, nem quase

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## BRANCO CONTRA NEGRO nos Estados Unidos

PRETENDE-SE expor com clareza a opinião dos brancos do Sul dos Estados Unidos da América acerca de certos problemas sociais que profundamente os afectam; procura-se as circunstâncias e os antecedentes da vida nessa região; indicar o que os brancos farão voluntariamente e o que não podem obrigá-los a fazer, sem correr-se o risco de uma guerra civil. Os problemas são obscuros e a situação ameaçadora.

A ordem social do Sul acenta

POR  
**DANIEL L. COHW**

na «linha da cor», ou seja, na linha de demarcação entre brancos e negros. Nada, nem os horrores do período de reconstrução que precedeu a guerra civil, puderam apagar esta linha. Naquela região, agrícola na sua maior parte, o homem do campo é, comumente, retrógrado, teimoso e inimigo de mudanças, conservador das ideias sociais e inclinado a recear os estranhos.

O Sul é a região mais pobre dos Estados Unidos. Está cheio de aglomerações de vivendas esqueléticas, urbanas e rurais. Ali a luta económica é, frequentemente, de carácter profundamente patético, pois tem a característica de ser uma luta de pobre contra pobre, do pobre proprietário da terra com o rendeiro pobre, do branco pobre com o negro pobre.

Não se calcula a importância social, civilizadora, que pode ter um Hotel, bem orientado, em qualquer cidade ou em qualquer vila. Se há cidades que fazem hotéis, há hotéis que fazem cidades...

ANTÓNIO FERRO

## ENG. ARANTES E OLIVEIRA

Continua experimentando sensíveis melhoras o sr. eng. Eduardo Arantes e Oliveira, ilustre ministro das Obras Públicas e Cidadão Honorário desta vila, que foi submetido a uma melindrosa operação cirúrgica no Hospital de S. José.

Fazemos sinceros votos, pelo rápido restabelecimento de Sua Excelência.

## COMPARTICIPAÇÕES

Pelo Fundo do Desemprego, o sr. ministro das Obras Públicas, concedeu as seguintes verbas para abastecimento de águas:

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, para abastecimento da povoação de Monte Gordo — 90.000\$00; Câmara Municipal de Albufeira — 22.500\$00; Câmara Municipal de Vila do Bispo, para abastecimento a esta vila, Sagres e outras povoações — 500.000\$00; e ainda os seguintes reforços para obras em curso: Câmara Municipal de Lagoa, para construção do matadouro municipal — 62.000\$00; e a Junta de Turismo de Armação de Pera, para a construção do edificio-sede — 22.000\$00.

De vez em quando...

## UM EXEMPLO

No desempenho de funções que estão no âmbito do meu cargo, eis-me a assistir a exames de Regentes Escolares.

Vêm muitas senhoras, umas 140 e entre elas vem também um homem.

Creio que são de várias condições mais ou menos modestas.

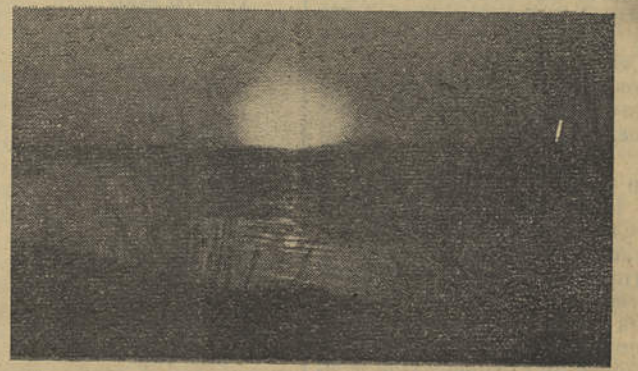
Meninas ainda bastante novas 18 anos, e senhoras que já se aproximam do limite máximo estabelecido, 45. Um com melhor preparação, outras com mais desembaraço mostrando maior vocação e ainda outras acanhadas sem compreensão do meio em que se encontram.

De entre todas elas quero trazer para aqui hoje a figurinha gentil de uma senhora ainda bastante nova cuja idade não fixei, e cuja serenidade e preparação chamaram a atenção de todo o júri. Devo acrescentar ainda que era cega. A ddiva gloriosa da luz conheceu-a mas é-lhe agora uma saudosa e pungente recordação.

A prova de ditado foi feita pelos meios de que se servem esses infelizes — em relevo. A prova de redacção foi escrita em máquina comum e a assinatura foi traçada com caneta vulgar. Os problemas, como os

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## TRINDADE E LIMA



## GUADIANA

Estás triste, Guadiana, porque choras?  
Porquê esse murmúrio dolorido?  
Eu 'stou junto de ti horas e horas  
E escuto sem cessar o teu gemido.

Conte-te a minha dor, minha saudade,  
Meu sofrimento atroz, meu desalento...  
E agora choras tu o meu tormento  
Enquanto o mundo ri, sem piedade!

Ó lindo Guadiana, rio de prata,  
O desgosto que sinto e que me mata,  
Crê que só tu o sabes... mais ninguém...

Guarda bem para ti o meu segredo,  
E reza, num murmúrio doce e quedo,  
A dor que os outros olham com desdém!

MARIA DAS DORES DOMINGUEZ RAMIREZ

## VIAJAR — ETERNA AVENTURA

NESTE banco desconfortável dum terceira classe dum comboio anacrónico e sujo de carvão, entre camponeses corpulentos e operários, eu cogito neste prazer sempre novo e inquieto que é viajar. Raramente viajo, e quando o faço, o comboio sonolento, na sua marcha arrastada, conduz-me sempre pelos mesmos e conhecidos caminhos.

Dá-se comigo, o que certamente acontece a todos os homens de

\*\*\*\*\*

## Bonificação sobre o Gasóleo

consumido nos trabalhos agrícolas

Por despacho do sr. ministro da Economia, de 25 de Julho passado, para cumprimento da portaria n.º 16.058 de 4 de Dezembro de 1956, foi determinado que o gasóleo consumido na agricultura tivesse uma bonificação de \$29 por litro, não excedendo a quantidade bonificada 20.000.000 de litros.

A bonificação, é concedida sobre o gasóleo consumido desde 1 de Janeiro do corrente ano.

Dada a circunstância de que grande parte da lavoura algarvia encontra-se mecanizada, tendo mesmo os pequenos proprietários adquirido motores de regas, tal medida vem dar incremento à mecanização agrícola.

vez em quando, acordam no meu espírito ansias de cortar as amarras que me prendem à rotineira da vida cotidiana e espicacam-me desejos de correr mundo, de ver terras, de contactar com outras

POR  
**N. RODRIGUES PENA**

gentes. E, certamente, o apelo ancestral do nomadismo, a vontade de eliminar convenções e responsabilidades, o renascer dum vida vagabunda que gerações sedentárias consecutivas não podem varrer da natureza humana.

E neste dia de sol ardente, entre corpos suados de labregos, a caruagem atascada de cestos, malas e fardos, eu cogito no prazer de viajar, já que para mim uma viagem, pequena ou grande que seja, constitui uma libertação, uma fuga dos quadros estreitos da rotina humana. Nunca tive a ambição de percorrer grandes distâncias, de passear cidades e campos, deliciar-me com paisagens exóticas.

Se, um dia, se me proporcionasse ocasião eu gostaria efectivamente de correr o mundo não para divertir-me em casas de espectáculos que os homens criaram para a embriaguez dos sentidos; talvez nem para entrar nos museus, mas simplesmente admirar o espectáculo do homem na sua simplicidade e grandeza, o homem humilde ou orgulhoso, construindo dia-a-dia a sua vida. A paisa-

gem apenas me interessa na medida em que vislumbro nos seus contornos a marca indelével da acção humana. O homem não se adapta à natureza; transforma-a, amolda-a às suas necessidades. E hoje, tanto nos países que atingiram um grau elevado de civilização como aquelas regiões que emergem dos estádios primitivos, é muito difícil discernir o que é obra da natureza e o que é realização do homem. O homem está em toda a parte, espalhou-se por toda a terra, localizou-se nos sítios mais inóspitos, e teimoso realiza aí a sua existência.

Pois ia eu assim meditando, sonhando com uma longa peregrinação por terras estranhas, comungando com outros seres, pensando que a única maneira de viajar para mim servia talvez a de

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa e filho, seguiu de avião para Paris, o nosso prezado assinante sr. dr. Júlio Sancho, distinto médico radiologista.

Regressou de Madrid o sr. dr. António Miguel Galvão.

Encontra-se em Faro, por curto espaço de tempo, o nosso ilustre comproucino sr. Coronel-Engenheiro Manuel Aboim Ascensão Sande Lemos.

A passar alguns dias, esteve no Algarve, tendo já retirado para Lisboa, o distinto jornalista e nosso prezado colaborador, sr. Emilio Valongo.

Esteve alguns dias na nossa vila, de visita a seus pais, o nosso estimado amigo sr. José Eduardo Capa Horta Correia.

Seguiu para Santarém, onde vai continuar os estudos, o nosso prezado amigo sr. João Manuel Machado Faisca.

Retirou para Lisboa, o nosso prezado amigo e assinante sr. Alexandrino Casimiro Miguel.

Seguiu para Coimbra, e não para Lisboa como por lapso indicámos, o nosso prezado amigo e assinante sr. A'lvoro Campero Munhos.

Com pouca demora esteve nesta vila, o nosso estimado amigo e prezado assinante, sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, distinto clínico na capital.

Vimos nesta vila, o nosso prezado assinante sr. Agostinho Martins da Rosa.

De visita a seus pais, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo sr. José Vasquez Limon da Silva Cavaco, filho do nosso prezado assinante sr. dr. José Cavaco.

### Nascimento

No passado dia 26 de Outubro, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Antónia Rosa da Assunção Cerina Carlos, esposa do nosso prezado assinante sr. Artur Padesca Carlos.

### Casamentos

Em Lisboa, no dia 27 de Outubro, realizou-se na Igreja dos Santos Reis Magos, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Sílvia da Cruz Fernandes filha da sr.ª D. Sílvia Rita da Cruz Fernandes e do sr. Alberto Alves Fernandes, com o nosso conterrâneo e estimado amigo sr. José Manuel Pereira, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, filho da sr.ª D. Maria do Rosário Custódio Pereira e do nosso prezado amigo sr. José Luiz Camarada Pereira.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Lilliana Cristina Pires Daniel Reis e seu esposo sr. Fernando Ricardo Daniel Reis, e por parte do noivo a sr.ª D. Maria da Conceição Moura Freire Celorico Medeiros e seu filho sr. eng. Jorge Manuel Freire Celorico Medeiros.

Aos noivos, o «Notícias do Algarve», deseja as maiores felicidades.

No pretérito domingo, dia 27 do mês findo, realizou-se, na Capela das Caldas de Monchique, a cerimónia do casamento da sr.ª D. Clarinda Maria dos Santos, gentil e prezada filha da sr.ª D. Ana Maria Izabel dos Santos e do sr. Joaquim dos Santos, comerciante na cidade de Portimão com o sr. Oscar Manuel Baião Pinto Viana, estudante de medicina, filho da sr.ª D. Maria Adelaide Cortez Baião Pinto Viana e do sr. Dr. Artur Oscar May Figueira Viana, distinto médico, em Faro.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Adelaide Cortez Baião Pinto Viana e esposo, pais do noivo, e, por parte do noivo, a sr.ª D. Ana Maria Izabel dos Santos e esposo, pais da noiva.

Após a cerimónia, celebrada pelo Rev. Padre Manuel Victorino Correia, da Paróquia de Portimão, foi servido aos numerosos convidados, dentre os quais avultavam individualidades da mais alta categoria social, um finíssimo e abundante copo de água que teve lugar no Hotel Central das Caldas de Monchique, onde, e para finalizar tão distinta cerimónia, o Rev. Padre Manuel V. Correia fez uma brilhante e expressiva alocução dirigida aos noivos.

Aos noivos, que seguiram para o norte do País em viagem de núpcias, desejamos muitas felicidades.

## EXIBIU-SE EM FARO A GRANDE PIANISTA INGLESA ROSEMARIE WARIE

Organizado pela «Casa dos Rapazes», cujo director sr. capitão Marques Loureiro se tem mostrado infatigável, no sentido de procurar dar os maiores benefícios para esta grande obra de assistência, ao mesmo tempo que proporcionou à cidade um espectáculo de alto valor artístico, realizou-se no passado dia 31 de Outubro, um concerto de piano pela distinta pianista inglesa Rosemarie Warie, no Salão Nobre da Câmara Municipal.

O Salão Nobre, achava-se completamente repleto de selecta assistência, que no mais profundo silêncio escutou, as maravilhosas interpretações, desta insigne pianista inglesa.

O programa, que teve o maior êxito, estava elaborado da seguinte forma:

### PROGRAMA

- I) — Sonata em Fá . . . . . Thomas Arne
  - II) — Sonata em Si Bemol . . . . . Thomas Arne
  - III) — Dez variações sobre «Come un agnello» Mozart
  - IV) — Sonata Op. 143  
Allegro giusto  
Andante  
Allegro vivace . . . . . Schuber
- \*\*\*
- V) — O encanto da ilha (The island spell) — John Ireland
  - VI) — Quatro Babatelas — Alan Rawsthorne
  - VII) — Um idílio no mar (A sea Idyll) — Frank Bridge
  - VIII) — Duas mazurcas  
Balada em Fá Menor . . . . . Chopin

## OBRA ASSISTENCIAL

às crianças do ensino primário

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

te modo, com a colaboração de particulares, se criaram cantinas e se fundaram caixas escolares, se distribuíram agasalhos e livros. Estão presentemente em funcionamento 1.074 cantinas e para elas se destinam no ano corrente 4.200 contos; funcionam 12.400 caixas escolares e para elas se destinam no ano em curso 2.080 contos. O total gasto em cantinas e caixas, de 1953 até hoje é de 28.200 contos. No mesmo espaço de tempo foram distribuídas 330.000 peças de agasalho e 121.000 livros para estudo. E o director-geral lembrou seguidamente que, tendo sido aprovado pelo sr. subsecretário de Estado o plano de uma acção conjunta a favor do pé calçado, vão ser aplicados na execução desse plano 700 contos.

«Ao realizar esta obra de auxílio aos pequenos estu-

## Contos Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

e mamã)  
também já  
fazem eco  
à oração!  
Guerra não,  
Guerra não —

Se encosta  
o ouvido  
ao vestido  
da mãe  
ouve ao longe  
um latido  
sumido  
vostinha  
de florinha  
no chão!  
Guerra não,  
Guerra não...

Tudo quer  
ser feliz  
tudo diz  
Guerra não  
Guerra não  
por que é essa  
afinal  
de noite  
e de dia  
a oração  
da Maria.

### Tão desvalida causa

Tão desvalida causa  
uma criança pobre!  
Um tão que nem sacode  
o mais ligeiro sono.

À solta nos caminhos  
vão semeando longe  
a voz sultinha e os tombo  
das suas mãos doridas.

Disformes, lembram vermes,  
Escondem, se os fitamos  
os punhaisinhos mansos  
de uns olhos que não ferem.

Vento brutal sacodi-os.  
Caem, frutazinha roxa.  
Tão desvalida causa  
uma criança pobre...

Maria Manuela Nunes

dantes — acentuou, ainda — a Direcção-Geral procede com a consciência de usar um dos meios de facilitar a consecução da sua finalidade de ordem pedagógica. Não pretende fazer assistência: deseja apenas proporcionar a algumas crianças meio de frequentar a escola em melhores condições. E' pois com alegria que a Direcção-Geral vai distribuir os agasalhos aqui juntos. Dentro em breve se fará a aplicação da citada verba de 700 contos para a compra de calçado. E espera-se assim contribuir para uma melhoria das condições de frequência de muitos milhares de pequenos estudantes».

Paralelamente se vai concretizando, numa expansão cada vez mais profunda, a obra das cantinas escolares de que agora foi inaugurada mais uma, em Esposende, pelo Subsecretário da Educação.

Considerando o valor destas iniciativas, que tanto devem à benemerência particular, afirmou o sr. dr. Rebelo de Sousa:

«Na paz, que é «tranquilidade na ordem», temos protegido em todo o vasto território nacional, melhorando, sem sombra de dúvida, a vida portuguesa nos seus vários sectores. Por toda a parte, assistimos a alguma coisa de novo, nas escolas ou nos hospitais, nas estradas ou nos monumentos, nas construções materiais ou na vida do espírito. Não é o espavento que comanda a nossa acção, mas a necessidade e os interesses colectivos na medida das nossas possibilidades e em função do atraso a que chegáramos.

E só um caminho sério e firme existe para continuarmos a progredir e para melhorarmos o mundo que nos falta melhorar: Paz, união e trabalho!».

## CINE-FOZ

Hoje, — Em Superscope, o extraordinário drama, O ANJO ESCARLATE, com Jonh Payne e Rhonda Fleming.

Terça-Feira — O filme português, UM HOMEM AS DIREITAS, com Barreto Poeira e Maria Matos.

Quinta-Feira — Em Cinema-cope O AVENTUREIRO DE HONG-CONG, com Clark Gable e Susan Hayward.

Assinala e propaga «Notícias do Algarve»

## AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 26 de Outubro a 1 de Novembro:

### Entradas:

MARIALUISA, Italiano, de 495 ton., de Leixões, com carga em trânsito.

ZE' MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

GAIA, Italiano, de 500 ton., de Setúbal, com carga em trânsito.

### Saídas:

MARIALUISA e GAIA, para Génova, com conserva.

MIRA TERRA e ZE' MANEL, para Lisboa, com minério.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 2 a 8 de Novembro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone 49.

## FALECIMENTO

### FERNANDO MORAIS RODRIGUES

Na sua residência, faleceu no passado dia 28 de Outubro, após prolongado sofrimento o sr. Fernando Morais Rodrigues, de 42 anos de idade, natural desta vila, professor de línguas e tradutor comercial.

Pessoa de rara cultura e distinto jornalista, deixa esparso por quase todos os jornais da província e nalguns diários da capital, os seus valiosos artigos.

Com grande dedicação, durante alguns anos colaborou no nosso jornal, defendendo calorosamente, os mais importantes problemas da nossa vila, assim como de todo o Algarve.

Como correspondente do «Diário Popular», foi-lhe atribuído em 1955 o prémio semestral, destinado a premiar o correspondente mais assíduo e solícito.

O saudoso extinto, era filho da sr.ª D. Maria da Encarnação Morais Benvinda e do sr. Manuel José Rodrigues (já falecido), irmão do sr. Manuel José Morais Rodrigues, funcionário da Casa dos Pescadores em Faro, e deixa viúva a sr.ª D. Noémia Silvestre Martins Rodrigues e quatro filhos menores.

O seu funeral, que constituiu uma sentida manifestação, teve grande acompanhamento, fazendo-se representar a Corporação de Bombeiros Voluntários.

A família enlutada, o «Notícias do Algarve» apresenta a expressão do seu sincero pesar.

## FOI AUTORIZADA

a lançar uma derrama e Câmara Municipal de Faro

Para encargos hospitalares e respectiva assistência, foi autorizada a Câmara Municipal de Faro a lançar uma derrama, pela taxa de 4.º aos contribuintes gerais do Estado, do mesmo conceito, mas apenas por um ano e cumulativamente com aquelas contribuições.

## Espectáculo de Variedades

### No Lusitano F. Clube

Na próxima quarta-feira, 6 do corrente, realiza-se no Salão de Festas do Lusitano Futebol Clube, e em organização do Clube Náutico e daquele Clube, um interessante espectáculo de Variedades, que além de ter a gentil colaboração de vários amadores da nossa terra, tem ainda a participação das orquestras «Arco Iris», «Ideal» e «Euterpe».

Os organizadores, envidaram o melhor dos seus esforços para que esta festa, resulte num agradável passatempo para o público vilarrealense.

Espera-se, dado o fim altruista a que se destina o espectáculo, que esta Festa, resulte numa espontânea homenagem às duas colectividades que tanto prestigiam a nossa terra.

## GERAÇÃO ROCK AND ROLL

VÁRIOS articulistas, em diferentes jornais, esquecendo talvez «os pequenos deslizes» da sua mocidade, vêm acusando e mesmo apelidando de «inconscientes» a mocidade de agora, havendo mesmo um articulista que já a batizou de «Geração Rock and Roll», talvez devido aos tumultos de expansão colectiva, que os jovens de hoje, tentam dar ao seu optimismo.

Não julgueis, que por tocarem Mozart, deleitem-se com Chopin, ou tentarem compreender Sibelius, que a frase com que nos apodaram, nos é injuriosa ou perniciosas.

Não, ela assenta-nos como uma luva. Não julgueis que essa «musica de pretos», é algo de estultico, e a clarividente expressão de uma mocidade prevertida.

Não, é uma mocidade que

## Novos Assinantes

E' com todo o prazer que publicamos os nomes de novos assinantes: Pelo sr. Alexandrino Cavaco os sr.ª Aquinelo Custódio e João Rodrigues Martins da Silva; Eng.º António Manuel Ferrico Picado; Manuel Bartolomeu Romão; José Domingos Ramos Pereira e sr. Lino Madeira. A todos, os nossos agradecimentos.

**EXCELSIOR**

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



**TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL**

Depositário nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República  
— Telefone 12 —

## Agradecimento

Capitão Joaquim Guilherme Travassos, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio profundamente reconhecido agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde, durante a sua doença. E' extensivo o seu reconhecimento ao sr. Dr. Reinaldo Prazeres pelos cuidados e atenções que lhe dispensou e a forma como foi tratado, embora receando ferir a sua natural modestia.

**PORTO RAINHA SANTA**

ATE OS ANJOS BEBEM!...



**RODRIGUES PINHO & C.ª**

Vila Nova de Gaia

## BARCO ENVIADA VENDE-SE

Com 10 metros e motor de 20 H P, instalação eléctrica completa e todos os pertences. Construído há 5 anos nos Estaleiros de Portimão.

O PROPRIETÁRIO

**JOÃO DOMINGOS MESTRE**

Rua Artilharia 1, N.º 24

**VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**

enfrenta sem medo e sem cinismo, as consequências que nos legaram, esses que agora nos apontam e descrem em nós!

No vosso tempo, submetiam-se ao rigor da sociedade, tudo era mal visto, e tremia-se das más línguas! Criaram-se grupos de «Vencidos da Vida», fomentaram-se Clubes e Sociedades, onde se pretendia pôr mais rigor na sociedade, como que uma coleira que nos amarrasse a um imprevisível, tentavam amarrar uma humanidade já sem forças e iniciativas.

O progresso era mal visto, criticavam-se os modernismos, fazia-se política nas Boticas, e até mesmo o Camilho de Ferro, era apodado de «Monstro Fumegante»!

Ainda não se acreditava na morte, procurava-se em alfarrábios e longos suplícios a fórmula, que tornaria o Homem eterno, um corpo a quem a morte não tivesse poder, algo de petrificado onde a Foice da morte se estilhaçasse.

A musica paralisou nos grandes mestres, e de ano a ano saía uma musica triste, que algum musico numa mansarda escura e pobre, escrevia desenganado do Mundo e da Humanidade.

Tudo evoluiu, não somos «Vencidos da Vida», não dedilhamos canções tristes e enganadoras, o saber é maior, o próprio Estado Novo, fez-nos cónscios de nós próprios, com as suas atitudes desempoeiradas, livrando-nos de um regime que atraía a pobreza e nos levava para o descrédito!

Somos novos, sabemos que a vida é curta e cheia de incidentes e difícil de suportar, não nos vergamos sob o destino, forjamo-lo nós próprios!

Cada um, quer deixar algo de valor para a sociedade que ajudou a criar.

Sabemos que morremos, que deixaremos de existir, por isso queremos viver rápido.

Os transportes incitam a vida rápida, as empresas aumentaram os capitais e os empregados, novos espíritos, novos dinamismos intelectuais, levam a arrojadas concepções, que nos aumentam o nível de vida.

Tentamos humanizar uma Humanidade, que durante anos esteve letárgica, apática da parábola do «Bom Samaritano».

Não vivemos de poeiras do passado, não entravamos o progresso, nem suspiramos inactivos ao som de «Melodias».

Somos cristãos, acreditamos no bem e repudiamos o mal, temos um ideal, ele é Cristo.

A Vida passa, julgar-nos-ão um dia, todos o sabemos.

O «Rock and Roll», é o grito de uma mocidade agradecida, cheia de vida e vigor. que faz tudo o que pode para um Mundo melhor, em que vós outros descreem!

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

**Rafael Almeida Santos**  
R. DIAGO CAO, 20 - EVORA  
Trabalha de toda a documentação para AUTOMOVEIS, NOTARIAS e candidatos a CONDUTORES



A AGENCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Portimonense, 2 — Atlético, 3
Devido ao interesse que o encontro despertara no Barlavento algarvio, a cidade de Portimão foi invadida por muitos forasteiros, entre os quais avultavam adeptos da equipa lisboeta.

Na primeira parte o Portimonense foi a melhor equipa, desperdiçando, no entanto, inúmeras ocasiões de marcar devido à ineficácia dos seus avançados.

Por sua vez, o Atlético, possuindo uma linha de ataque com bons valores, teve melhores possibilidades de concretizar os lances de ataque salientando-se Orlando, Líqui, Martinho e Nuno. No Portimonense, os melhores foram Alexandrino, Camarinha, Luz e João Luis.

A equipa local, que no presente campeonato tem tido carreira meritoria, terá razões para lastimar-se do mologro de ontem. Na verdade, embora a personalidade da equipa visitante viesse amidiadas vezes à superfície, o certo é que foram os portimonenses aqueles que no decorrer do encontro, quer pela cediação mais perto se encontravam do triunfo, quer por negações do destino veio a pertencer, talvez quando a descrença os dominava já, aos rapazes do Atlético.

Para o triunfo obtido pelos lisboetas, uma virtude terá bastado, além da já citada pontinha de sorte, a qual faz, norma geral, parte da bagagem das boas equipas: a excelente preparação física. A esteve o mérito do triunfo lisboeta. A maior resistência ao cansaço que na fase final tomou posse da equipa algarvia.

Olhanense, 5 — Beja, 0

O Olhanense, pela maior velocidade que imprimiu à partida, logo demonstrou não permitir quaisquer veleidades ao antagonista. Assim, a passagem da meia hora, já com dois golos no activo a equipa algarvia já notoriamente superior ao adversário e viu falicida a sua tarefa quando Rosa abandonou o terreno para não mais regressar, a contas com uma distensão.

E' interessante verificar-se que

BENFICA-DYNAMO DE PRAGA

O popular clube lisboeta, acaba de receber as condições do Dynamo-Slavia de Praga, que como noticiámos, pretende jogar com o Benfica.

Segundo foi estabelecido pelos dois clubes, o encontro deve realizar-se no mês de Dezembro.

GESTO HONROSO DO SPORTING

O Sporting ofereceu-se para disputar um jogo em Valência, revertendo o produto, a favor dos sinistrados pelas grandes inundações, que assolaram trágicamente, esta linda cidade espanhola.

MANUEL FARIA NÃO CONSEGUIU BATER O RECORD DOS 1.500 Metros

Na pista do estádio Alvalade, no intervalo do encontro Sporting-Salgueiros, realizaram-se as corridas de 1.500 M. para a tentativa de melhorar o recorde nacional.

Embora a boa vontade e o esforço do conhecido desportista português a tentativa foi infrutífera.

O resultado final foi o seguinte: Manuel Faria, 3m. 55,8 s. mais 7 décimos do que o recorde.

DOIS ALGARVIOS NO TORREENSE

Estão em evidência, pela sua categoria e precisão de jogadas, os jogadores algarvios Hilário e Galaz, que alinham na equipa do Torreense.

Em Torres Vedras, os simpatizantes do clube local, mostram-se agradecidos, a estes dois jogadores pelo seu alto contributo, na classificação do Torreense.

O DYNAMO DE ZABREG pretende jogar com o Benfica

Talvez devido à grande popularidade, que o Benfica, criou no estrangeiro, igualmente manifestou desejo de jogar com o popular clube português o grupo Jugoslavo, Dynamo de Zabreg.

quando reduzidos a dez unidades' os alentejanos revelaram melhor espírito de entre-ajuda, a que o excessivo abuso do esférico pelo ar não permitiu melhor esquematização de jogadas.

Na segunda metade faltou no Olhanense espírito prático para tirar partido da sua superioridade numérica, e do guarda-redes de circunstância de que os visitantes dispunham. Justifica-se no entanto, a vitória do Olhanense, por que foi sem duvida a equipa que mais tentou organizar o jogo fazendo baixar o esférico, num desafio de fraco nível.

Portalegrense, 0 — Farense, 1

Aos 46 minutos da segunda parte o golo surgiu, por intermédio de Francelino. O Portalegrense reforçou o ataque com dois cabo-verdianos, muito infelizes na estreia.

O Farense, em várias ocasiões, viu-se em apuros para sustentar a linha avançada portalegrense.

Pareceu-nos que Francelino, o autor do único tento do desafio, se encontrava fora de jogo. Logo que se registou o êxito dos algarvios, o «team» local decaiu. O Farense começou um período de franca ofensiva. Poderiam ter então construído vitória mais robusta, mas os dianteiros falharam no remate.

Salientaram-se no Farense: Reina e José Maria; e no Portalegrense: Brito, Rosa e Bica.

Outros resultados

- Almada, 3 — Montijo, 1
Serpa, 5 — Coruchense, 1
Arroios, 1 — Juventude, 2
Estoril, 5 — Montemor, 1

Classificação

Table with 2 columns: Team Name and Points. FARENSE 14, OLHANENSE 11, ATLÉTICO 11, PORTIMONENSE 10, ARROIOS 9, DESPORTIVO DE BEJA 8, MONTIJO 8, CORUCHENSE 8, JUVENTUDE 8, F. C. SERPA 8, MONTEMOR 5, ALMADA 5, ESTORIL 5, PORTALEGRENSE 2.

Jogos para hoje

Olhanense-Almada; Montijo-Serpa; Coruchense-Portimonense; Atlético-Arroios; Juventude-Estoril; Montemor-Portalegrense e Beja-Farense.

Resultados da Zona Norte

- Leixões, 1 - Espinho, 1
Vianense, 3 - Vila Real, 0
Guimarães, 8 - Gil Vicente, 0
Tirsense, 1 - Sanjoanense, 2
Peniche, 0 - Marinhense, 0
«Os Leões», 0 - Covilhã, 1
Chaves, 4 - Boavista, 3

Jogos para hoje

Leixões-Vianense; Vila Real-Guimarães; Gil Vicente-Tirsense; Sanjoanense-Peniche; Marinhense-«Os Leões»; Covilhã-Chaves e Espinho-Boavista.

TORNEIO DISTRIITAL DE APURAMENTO para o Campeonato Nacional da III Divisão

Lusitano, 6 — U. Sambrasense, 2
Campo «Francisco Gomes Socorro».

Arbitro — Joaquim da Rosa.
Lusitano — Ramos; Rogério, Antunes e Gonçalves; Pedesca e Ferra; Salvador, Marco, Vitoriano, Travassos e Ludgero.

Unidos — Gualdino; Marçal, Júlio e Fernandes; Francisco e Trindade; Carlos, Armando, Jaburú, José António e Domingos.

Marcadores: Marco (6) Jaburú e José António (de «penalty»).

Terminou com vantagem para o Lusitano e por margem que não deixa lugar a dúvidas o seu primeiro jogo oficial da época.

Todavia, o resultado não deve servir para exagerados optimismos pois a equipa não produziu exibição de agrado, ficando muito longe do que seria lógico admitir.

E' muito cedo para se tirarem conclusões sobre as suas possibilidades, pois podemos aceitar como principais atenuantes o facto de ser o primeiro jogo e do adversário nunca estar à altura de discutir o resultado, não forçando a equipa a produzir o seu melhor.

Aguardemos portanto outra oportunidade para avaliar melhor a sua força. Individualmente apenas temos

OS PARQUES DE CAMPISMO E TURISMO

O CRESCENTE desenvolvimento do turismo tem dado lugar, na generalidade dos países, à criação de numerosas actividades que facilitam a sua expansão, salientando-se de entre elas os parques de campismo e de turismo.

Na verdade, o turismo é hoje feito em grande parte por pessoas que, deslocando-se de automóvel ou em viaturas ligeiras, percorrem as regiões de maior interesse dos diversos países, procurando, ao mesmo tempo, locais aprazíveis onde possam, durante alguns dias, gozar da vida ao ar livre.

Se os parques de campismo apenas oferecem certas facilidades rudimentares, já os parques de turismo proporcionam um mínimo de comodidades apreciáveis, representando formas de alojamento que são expressões atenuadas, mas complementares, da industria hoteleira.

A importância manifesta destas novas formas de albergar turistas, exige uma regulamentação que permita o seu desenvolvimento, com as garantias indispensáveis de segurança, hygiene e disciplina, de modo a que se integrem na politica de turismo que se pretende fomentar.

Todavia, tratando-se de formas novas é aconselhável que as normas a adoptar sejam provisórias, para serem postas em execução a titulo experimental.

E assim, sob proposta do Conselho Nacional de Turismo:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelos Ministros da Presidencia, do Interior e das Obras Públicas, que a instalação e o funcionamento dos parques de campismo e de turismo obedeam às seguintes normas provisórias:

1.ª — Para efeitos de turismo poderá haver parques de campismo e parques de turismo.

Os parques de campismo proporcionarão terreno aprazível para acampar, abastecimento de água e instalações sanitárias.

Os parques de turismo disporão, além disso, de vedação de segurança, vigilância perfeitamente assegurada, iluminação, acesso para veículos e instalações fixas com banho e W. C. com água corrente.

2.ª — A criação dos parques de campismo e dos parques de turismo poderá ser de iniciativa pública ou privada.

3.ª — Os parques, quer de campismo, quer de turismo, obedecerão aos seguintes requisitos:

- 1 Situem-se em locais:
1 — cujo solo não seja húmido e frio;
2 — que sejam suficientemente isolados, mas disponham de acessos fáceis para os utentes que os procurem a pé ou em viaturas;
3 — cuja superfície assegure um mínimo de 40m² por turista individual e 100m² por automóvel (compreendendo a viatura e a tenda ou roulotte);
4 — que disponham de boas sombras;
5 — que possam ser vedados;
6 — que tornem possível um eficiente equipamento nomeadamente no que respeita a fornecimento de água potável e a saneamento;
7 — que disponham de facilidades de abastecimento em géneros.
II — Serem protegidos, quando parques de turismo, por sebes ou outra vedação, com o mínimo de 2 metros de altura.
III — Serem organizados por forma que:
1 — Haja de preferência, um só acesso praticável, a fim de facilitar a vigilância;
2 — Se encontrem demarcados os locais destinados às diferentes categorias de turistas, ficando sempre os automobilistas e caravanistas em zona separada, de preferência na periferia do campo;
3 — Todos os turistas tenham fáceis acessos às instalações comuns de abastecimento de água, W. C., banhos, etc.
IV — Terem abastecimento de água potável assegurado por meio de canalizações especialmente instaladas, poços ou depósitos que garantam um mínimo de 50 l por pessoa e por dia.
V — Disporem das instalações sanitárias e de recolha de detritos que forem fixados em cada caso pelas entidades competentes.
4.ª — Os parques terão sempre um administrador, ao qual incumbem superintender nos serviços do campo e impor o cumprimento das regras em vigor quanto ao seu funcionamento, exercendo, para o efeito, a indispensável vigilância.
5.ª — Os parques só poderão começar a funcionar depois de habilitados com as licenças que a sua situação exigir e de a entidade exploradora ter efectuado seguro que cubra a sua responsabilidade civil por danos causados aos utentes dos parques, pelos quais possa ser inculpada.
6.ª — Os turistas que desejem utilizar os serviços dos parques devem observar as seguintes regras, além de outras que constarão do regulamento privativo de cada parque:
1 — Acatarem, dentro do parque, a autoridade do administrador responsável;
2 — Efectuarem, na altura da admissão, o pagamento das taxas de utilização oficialmente aprovadas;
3 — Cumprirem os preceitos de hygiene adoptados no parque, tais como os que se referam ao destino dos desperdícios e águas sujas, lavagem e secagem de roupas, admissão de cães, prevenção de doenças contagiosas, etc.;
4 — Usarem vestuário que não ofenda a moral pública e os bons costumes;
5 — Absterem-se de actos de propaganda e de quaisquer atitudes ou procedimentos que possam incomodar os demais turistas;
6 — Absterem-se de fazer ruído entre as 22 e as 6 horas, sendo proibida a utilização, durante esse tempo, de aparelhos receptores de radiodifusão;
7 — Indemnizarem os prejuizos causados no equipamento do parque ou aos demais utentes;
8 — Apenas utilizarem lenha para foguear nos locais a esse efeito destinados e absterem-se da utilização de lenha como combustível quando não houver tais locais;
9 — Cumprirem a sinalização do parque e as indicações dos guardas no que respeita à circulação e estacionamento de veículos.

A utilização dos parques de campismo depende ainda de apresentação de licença de campista, emitida por organismo nacional ou internacional oficialmente reconhecido, a qual será depositada à entrada, devendo ser restituída na altura que o campista abandonar o parque.

7.ª — No caso de desobediência dos turistas ou campistas ao regulamento do parque, e depois de advertência não acatada, o administrador poderá ordenar a sua expulsão. Quando assim aconteça, a licença de campista não será devolvida ao contraventor, mas remetido à entidade que a tiver emitido, acompanhada de relatório justificativo da expulsão.

8.ª — Em cada parque e sob a responsabilidade do respectivo administrador existirá um livro onde se fará indicação de todas as pessoas que utilizem o parque, com os necessários elementos de identificação e a menção dos respectivos documentos.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

DOIS JOGADORES com o nome de Portugal e Salazar NO MÉXICO

Na selecção Mexicana de futebol, existem dois jogadores com o nome de Portugal e Salazar.

Segundo as afirmações do jornal francês «L'Equipe», os dois médios mexicanos, são os melhores futebolistas do país.

Branco contra Negro nos Estados Unidos

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

os mesmos salários que os do nordeste porque têm de competir com estas, enquanto os poderosos banqueiros detêm em suas mãos todo o poder.

Aconteça, porém, o que acontecer o Sul perde sempre, porque quase todas as suas indústrias são propriedade de homens e empresas de outras regiões, os quais levam todos os lucros sem deixar aos naturais mais do que o necessário para viver mal.

Durante os últimos cem anos, o nível de vida tem permanecido baixo e o índice de crescimento da população não diminuiu. Nas fazendas e nas fábricas há grande número que produzem mas não consomem. Estes trabalhadores cultivam algodão que lhes não serve de vestuário; cultivam tabaco que não fumam; fabricam móveis que nunca vêm nas suas casas. Como quase não têm nada, é muito pouco o que compram.

Por causa da sua pobreza, o Sul tem relativamente mais alfabetos do que as outras regiões do país, apesar de que os estados gastam na educação quase metade do seu orçamento. A gente do Sul é a peor alimentada e a peor vestida dos Estados Unidos e a que tem peores habitações e mais sofre de doenças.

Os meridionais são extremamente emotivos. Em muitos aspectos conservam ainda as ideias e os sentimentos dos velhos exploradores e colonizadores das selvas incultas e bravias; são individualistas, independentes e impulsivos e gostam de fazer justiça por suas próprias mãos. Além disso formam, com excepção dos negros, o único grupo racialmente homogénio dos Estados Unidos, pois todos são americanos de nascimento, de cepa anglosaxónica e protestantes até ao tutano.

No norte da Virgínia, onde há relativamente poucos negros, como acontece no delta do Mississippi onde a proporção de negros em relação aos brancos é maior do que em nenhuma outra região do mundo governada por brancos, exceptuando-se a Africa do Sul e algumas das Antilhas, os brancos são de opinião que a «linha da cor» deve conservar-se a todo o custo, a não ser que eles próprios a suprimam.

Em todo o Sul, o negro afecta profundamente a vida do branco e o branco a do negro. Cada um deles representa para o outro um problema capital. Se é certo que no Sul nunca houve negro livre, também não é menos certo que, desde a guerra da sucessão, já-mais houve branco livre, no sentido em que se diz que um homem de Vermont, por exemplo, é livre, visto que toda a estrutura social e a vida do Sul estão condicionadas pela presença do negro.

O negro do Sul sofre de certas aberrações mentais porque vive entre os brancos, sujeito a regras e restrições que estes lhe impõem, e o branco sofre certas aberrações porque vive entre massas de negros. Tais aberrações são inevitáveis numa sociedade que se conserva por um sistema de direito consuetudinário impossível de reduzir a direito escrito; por um extenso e complicado código de urbanidade e por um tacto subtil e intuitivo, tanto de brancos como de negros. Uma sociedade organizada de tal forma não deve julgar-se aericamente, sem profundo conhecimento e consciencioso exame; nem convém tratar de aliviar os seus males com remédios ligeiramente improvisados. Isso seria o mesmo que brincar com a pólvora.

Um dos paradoxos do Sul é que, ainda que o negro tenha feito grandes progressos nos últimos cinquenta anos, as suas relações com os brancos pioraram nos últimos tempos. Tal facto se deve, em parte, à crescente rudeza do tratamento. Outro factor importante é que os negros da geração passada, que estabeleceram com os brancos um modus vivendi regularmente satisfatório na prática, ainda que longe do ideal, vão desaparecendo, outro tanto acontecendo com os brancos da mesma geração. Muitos dos que restam são quase os últimos a observar o princípio de que noblesse oblige.

Nos negros jovens de hoje, mais instruídos do que os seus maiores, leitores assíduos da imprensa da sua raça constantemente incendiária, estão firmemente dispostos a fazer respeitar os seus direitos, segundo os seus pontos de vista, e, mais sensíveis do que os seus

antepassados às restrições que lhes impõem, está germinando um profundo ódio aos brancos. Muitos deles estão tão exaltados que parecem resolvidos a baterem-se com os brancos, para fazer prevalecer os seus direitos.

Tanto como eles, os brancos estão decididos a proceder da mesma forma.

Se se quiser aprofundar o problema e compreendê-lo, é preciso reconhecer, desapaixonadamente, três factos. O primeiro é que o problema, como todos os problemas sociais complexos, não tem solução. Só as pessoas demasiadamente ingénuas imaginam que tudo pode resolver-se e arranjar-se às mil maravilhas.

Em segundo lugar, o problema é, no fundo, uma questão de relações sexuais entre as duas raças. Os brancos estão resolvidos a impedir, dentro dos limites legais da sua jurisdição, que haja casamentos entre brancos e negros — e essa é a lei em todos os estados sulamericanos. Estão igualmente resolvidos a impedir que uma mulher branca tenha relações sexuais com um negro, sob pena de morte ou de desterro imposta a uma das partes ou a ambas. Em tais circunstâncias, evidentemente, não pode haver «igualdade social» entre as duas raças.

E' inútil dizer aos brancos do Sul que os seus receios são infundados; os próprios negros declaram que não querem a «igualdade social» nem casamentos mistos. Consta-se que o sexo é o factor dominante da vida, que o instinto sexual é um dos motivos mais poderosos das acções humanas que, despertando paixões e impulsos primitivos, podem conduzir a actos iníquos e ferozes.

Vejamos agora o terceiro dos factos atrás mencionados. Se o problema é insolúvel, criam a confusão e prejudicam as relações entre as duas raças os dirigentes de ambos que, já por obstinação em não ver os factos tal como são, já por puro sentimentalismo, se empenham em proclamar e sustentar que de algum modo é possível resolvê-lo. Desta afirmação, porém, não pode implicitamente deduzir-se que a situação não possa melhorar.

Em minha opinião, não é possível conseguir qualquer melhoria de importância enquanto ambos as partes vão reconhecerem: 1.º que o problema não tem solução completa e definitiva; 2.º que o princípio da separação das duas raças não deve pôr-se como imperativo jurídico. As muitas melhorias que se lograram nas relações das duas raças, assim como os progressos extraordinários que os negros do Sul fizeram durante os últimos cinquenta anos, justificam a esperança de que as diferenças (com a única excepção da separação social) possam ir diminuindo se ambos as partes procederem com paciência, cordura e boa vontade.

Se as duas raças adoptarem esta atitude sensata e se descartarem do único factor que dá carácter emocional e irracional à disputa, não haverá dúvida de que vencerão muitas das dificuldades com que tropeçam hoje.

E' impossível encarar as condições em que vive o negro norte-americano sem que sintamos o coração oprimido, sem que sintamos avultar na consciência uma voz acusadora. Mas também não é possível deixar de explicar-se historicamente a conduta dos brancos do Sul dos Estados Unidos, os quais, como produto da tradição e do meio ambiente, procedem segundo o que lhes aconselha o seu critério.

O branco e o negro do Sul dos Estados Unidos terão que fazer muitas concessões reciprocas, caso pretendam fazer sobreviver a democracia norteamericana; e é preciso que estas concessões sejam voluntárias e fruto da convicção, em vez de actos obrigatórios ordenados por lei.

Tradução de: José dos Santos Marques

AL GHARB

É transcrito do «Jornal de Turismo», importante órgão norte-nho que se vem impondo, como a maior publicação em defesa do turismo no território português, o artigo de autoria de Leonor Bello, que publicamos na 1.ª página.

AOS PEQUENOS CAPITALISTAS

Organização, com Sede em Lisboa, de larga e segura actividade, com as melhores referências comerciais e bancárias, ACEITA pequenos empréstimos, garantindo em absoluto capital e juro mensal ou anual.

Carta com indicação das verbas a este Jornal às letras J. M.

— 1 E —

Do ponto de vista criador, o pior dos originais vale mais do que a melhor das traduções. Com valor, sem valor, o original é nosso, ao passo que a tradução não passa de quadro alheio, que transplantamos para outra tela. Não iremos a ponto de dizer das traduções o que S. Francisco de Sales dizia dos cogumelos: «os melhores não prestam».

Não. Tão longe não vamos. As traduções continuam a ser um mal... necessário. Mas, até onde podemos ser originais por nossa conta, não o sejamos por conta... doutrem. E a tradução é a originalidade por conta alheia.

TROMPA E FLAUTIM

A trompa não aspire quem nasceu para flautim.

O nosso mal está em pretendermos ser enciclopédicos em todos os instrumentos, quando só temos embocadura para um.

Varra cada qual a sua testada, e a sua ficará varrida. Toque cada qual o seu instrumento e afinada ficará a orquestra.

PENSAR COM CÉREBROS

DE... DEFUNTOS

Chegámos muito tarde a um mundo já muito velho. Qual de nós terá, pois, a presunção de absolutamente original, entre gente que é herdeira de uma cultura muitas vezes milenária? A toda a hora estamos pensando com cérebros de... defuntos.

LIVROS COLUNAS

Dar nas vistas é uma preocupação muito latina, e muito portuguesa e, portanto, também brasileira, uma vez que o brasileiro é, em boa parte, de cepa portuguesa. Em certa cidade brasileira, fizeram uma biblioteca luxuosa, com colunas salomônicas e outros luxos de espanto, mas com poucos livros e sem o recolhimento que convém à concentração dos leitores.

E, val daí, um espírito joga esta busca à casa: «Talvez tenham vendido os livros, para comprar colunas...»

O outro dia: «am-se os anéis, fiquem os dedos.» Ali, parece que afinaram por filosofia contrária: «am-se os livros, fiquem as colunas...»

PRESTÍGIO DE PARIS

«É assim que se faz, em Paris.»

Frase mágica, de alicante poder. Durante muito tempo, foi ela a gota que fez transbordar o copo do não-faço, da dúvida, da hesitação. Ouvida a frase, pronto! evaporava-se a indecisão — e o hesitante, aturdido por aquela expressão toda-poderosa, era capaz de tudo, até mesmo do inconfessável.

DE VEZ EM QUANDO...

UM EXEMPLO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

não podia ler foram-lhe lidos; fui eu quem lhos leu. Bastava fazê-lo uma vez porque ela logo os compreendia e dispensava segunda leitura.

E não eram de fácil compreensão e resolução alguns dos problemas propostos.

De entre tantas candidatas que se apresentaram, nenhuma mostrou maior serenidade e não sei se alguma a superou em conhecimento.

Singelamente contou-nos a sua tragédia. Sofrendo uma miopia acentuada e tendo muito gosto pela leitura, e lendo por isso muito, sentiu um dia que caía na escuridão.

Deslocara-se qualquer membrana do órgão visual. Tem sofrido operações, por elas tem ido ao estrangeiro.

O resultado tem sido o mesmo; continua no cárcere horrendo onde a desgraça a encerrou.

Nos seus lábios aflora um sorriso, sorriso triste é certo, mas não lhe ouvi uma palavra mais dura, nem um gesto mais agreste.

A sua prova prática, uma lição de leitura como se a estivesse dando a invisíveis, foi uma lição de ternura, lição de um coração amargurado que sente e deseja a felicidade dos outros.

Foi comovida a despedida das crianças a quem dera explicações.

Via-se, sentia-se que era bem sincero o desejo que formulava pelas felicidades dos pequeninos.

E lá se retirou a figurinha

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

## CRÓNICAS

### IRREQUETAS

#### UM RÍDICULO

XXVI

Há já algum tempo que no jornal «Os Rídiculos», vêm aparecendo algumas notícias acerca da nossa vila, que nada tendo de construtivas, apenas têm visado este Jornal e algumas casas comerciais desta localidade.

Não sabemos porque motivo esse Rídiculo, se pretende «defender» a sua terra, não arranja outro motivo que lhe inspire o seu insípido cérebro.

Com tão descabidas e asneiráticas notícias, apenas vem desprestigiando uma terra, que muitos tentam elevar ao nível a que tem jus. Até no último número, pretendendo ser jocoso, apenas demonstrou a sua falta de instrução, pois fez notar que até aquilo que lê não compreende.

Há uma passagem em que diz, porque é que do «céu não chovem fibretas». Sem ser do céu, donde quereria que chovesse, esse analfabreto!

#### 3 HORAS DA MANHÃ

Acordo sobressaltado. Os meus dedos correm lentos e sonolentos para o interruptor. A luz esbranquiçada espalha-se. Olho em redor e perante os meus olhos, ainda sensíveis à luz, aparece uma dama que me sorri.

Veste de uma maneira exótica, que a princípio não consigo definir que estilo é: se 1.600 se 25 tostões.

A mão pergunto-lhe quem é, e o que deseja. Sorri mais. Reparo no branco maravilhoso dos seus dentes ponteados, e no meu cérebro forma-se a ideia, que devo ter ante mim uma louca.

O seu sorriso transformou-se num galgalhar satânico, domjonico, mefistofélico, enfim: uma daquelas gargalhadas de gelar o sangue a um morto. No meu pensamento as ideias baralharam-se como cartas. Deve ser uma criminosa nata, concisa, precisa, enfim: Perigosa!

A sua voz sibilante, faz-me pensar: É um encanto!

Claro que eu já passei a idade de acreditar nessas coisas, mas às vezes é capaz de existirem, ainda que eu duvide...

De repente ela diz-me: Eu sou a «Asiática»! A que tem atacado aldeias, vilas, cidades, províncias, países, continentes. O Mundo! Eu sou aquela gripe preversa, que já tem sido mortal; que tem sido fatal!

Ainda a medo pergunto:—E que deseja de mim D. Asiática, em que lhe posso ser útil?

Mau grado meu, começo a espirrar como um perdido.

—De ti só quero a lembrança, de ver como um ser humano reage à minha passagem visual. Até agora só tenho aparecido através dos meus soldados: os asiáticos gripais!

Reparo na leveza do seu traje; Fato de banho de duas peças, que apesar de não ser permitido ela

usa, e um turbante oriental. Mostra sem reboço umas pernas bem torneadas, talvez um pouco fortes, uns braços divinos, próprios para consumo. Os olhos encaracolados e os cabelos azuis ficam-lhe admiravelmente. Neste momento está a dizer que vai aplicar-me todos os seus sintomas e que assistirá à minha agonia. Aproxima-se. Sinto umas mãos geladas passarem sobre a testa. Acto contínuo a cabeça parece querer partir-se, uma dor aguda faz-me sentir sobre os meus olhos. Agora passa as mãos sobre o lençol. Desta vez são quentes, como duas ou três mil fogueiras. Um calor doentio percorre-me. Os dentes a desmentir o febrão, começam a cantarolar as sevilhanas. Tapo-me mais, mais e mais.

A tremer, suplico-lhe que me deixe em paz. Faço-lhe lembrar o Pacto do Atlântico, as convenções das Nações Unidas. Cantolhe a «História de um Amor». Nada a convence.

As suas mãos agora dirigem-se para os rins. Pontadas agudas fazem-me sentir naquele órgão. Começo a suar, primeiro lentamente, por fim um autêntico dilúvio. Vejo-a através de uma neblina, que se me formou sobre os olhos. Sorri.

Maldita Asiática, que vintade tenho de estrangulá-la! Suplico-lhe novamente que me deixe. Nada. Ainda não está satisfeita.

—Quero ter o prazer de ver como ficam os meus micróbios, quando são atacados pela Vitamina C e pelos comprimidos da Cafiaspirina (isto não é receita).

Toca-me levemente no estômago, sinto vômitos. A casa parece querer-me cair em cima. Tudo roda como num estranho carroussel. Os movimentos peristálticos, sacodem-me como um boneco. Começo a melhorar.

Olho em redor. A Asiática desaparecera. A cabeça dói-me menos.

Ainda tudo está confuso no meu cérebro. Pouco a pouco vou tendo a noção do que me rodeia. Pouco a pouco tudo se vai materializando na minha mente. Luz! Faz-se luz! Agora compreendo.

Eu fora-me deitar, meio tocado, cheio de coanque, para a maldadada gripe não me atacar.

Nunca mais bebo, para doença alguma! Que venha a Asiática a Italiana!

Os caros leitores façam como eu: só penso atacar a gripe, quando ela me atacar!

#### Pensamentos \*\*\*

Detestava a medicina moderna. Tinha a sogra doente à vários anos.

Tinha receio que a sogra morresse. Acreditava nas almas.

#### Vida Moderna \*\*\*

Que é que o homem necessita para casar:

Sendo pobre: crédito.  
Sendo rico: uma mulher.

#### Ditos & Mexericos \*\*\*

Diz-se que o bom tempo está a favorecer a «caça» ao miliciano cá na vila.

Três meninas muito conhecidas, pelos inúmeros namoros que todos os anos arranjam por estas alturas, diziam no Domingo:

—Não é por os de cá serem feios, mas os milicianos...  
—São outra loiça! Disse uma delas toda amorosa.

\*\*\*

Pensa-se louvar o gesto de uma menina, que foi a primeira a colocar-se na classificação da «pesca» ao miliciano.

Repórter & Fotógrafo

Visado pela Comissão de Censura

## ALGHARB

### “ONDE A TERRA SE ACABA E O MAR COMEÇA...”

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

aragem. Em todo o ambiente paira a quietação superior propícia às grandes contemplanções! Lá em baixo, no rio, os próprios remos de um barco mal se movem com receio, talvez, de acordarem as águas do seu sono letárgico.

Os pássaros cortam o espaço com as asas muito abertas e paradas como se não precisassem delas, levados pela própria atmosfera. Calaram-se as vozes todas! Se escutarmos bem quase podemos distinguir, tal como num passado longínquo, o canto monótono e dolente dos árabes escondidos neste simulacro de «Cashbah». É pena que os vestígios árabes tenham hoje desaparecido quase por completo nestas terras que foram tanto tempo propriedade de infieis. De facto, tirando os terraços que todos os anos são caiados de branco para recolha das chuvas e as cisternas colocadas mesmo ao lado das cozinhas ou dentro destas e onde se concentra a água da chuva que os terraços, construídos para tal fim, ali conduzem, nada mais nos faria supor a longa permanência de mouros nesta parte do Algarve.

Ao longe, a Serra de Monchique estende-se por todo o horizonte que a neblina transforma em imperceptível miragem.

O que mais encanta em Ferragudo é a maravilhosa união do campo e do Oceano: o Fúção das Pombas—furna imensa que o mar cavou em caprichos de artista, tendo a sua abertura em pleno mar e onde as pombas fazem os ninhos e esvoacam constantemente. A Ponta do Altar, enorme penhasco de granito dominando o Oceano com o seu pequeno farol, as duas fortalezas, de S. João—hoje castelo reconstruído e residência particular do Dr. Vieira Machado — e a de St.ª Catarina, mesmo em frente, do outro lado do rio, são as principais curiosidades que ali se disfrutam. As praias são soberbas, especialmente a da Rocha, cuja descrição é completamente impossível. Todas as fotografias conhecidas não nos dão uma pálida ideia destes areais, numa extensão de vários quilómetros, semeados dos mais bizarros rochedos de estranhos formatos. Tão depressa atravessamos curiosos túneis como nos encontramos no meio de arcos duma altura enorme, semelhantes a visões apocalípticas. Perdido no mar, perto da Praia Grande, fica o Leixão das Gaiotas, no cimo do qual estas se reúnem às centenas, à hora do Poente, enchendo o ar com os seus gritos característicos.

Os tons das rochas, do mar e do céu formam um conjunto dos mais variados contrastes, e, no mar, alguns pequenos rochedos cobertos de limos oferecem-nos tapetes verdes e macios onde apetece correr com os pés nus.

O mais consumado artista terá dificuldade em dar-nos num quadro a impressão de beleza que sentimos, quando, pela primeira vez, pisamos os extensíssimos areais destas praias.

A Ponta de Sagres onde nos conduz uma bela estrada que parte de Lagos, cidade alegre com a sua enorme baía capaz de recolher todas as esquadras do Mundo, e que nos permite visitar a história e antiquíssima capelinha de N.ª S.ª de Guadalupe, dá-nos, em cada movimento do mar, a visão magnífica das grandes Armadas portuguesas que, há séculos de distância, sulcavam os mares em demanda de novos mundos.

Dificilmente nos arrancamos à magia suprema deste infatigável vai-vem das vagas quebrando-se impetuosas de encontro ao dorso altivo do formidável rochedo que há centenas de anos contempla o mesmo Oceano com aquela fria e quieta impassibilidade das coisas inertes mas eternas. As caravelas passam continuamente diante da nossa imaginação, agitando as suas velas iluminadas pela Cruz de Cristo e fazendo erguer toda a heróica epopeia que apenas os portugueses podiam ter vivido com a sua alma estranhamente sonhadora e artista. Só uma rosa dos ventos, de data incerta, ficou como afirmação da passagem do Infante em Sagres. Do outro lado da pequena enseada o Cabo de S. Vicente deixa-nos a suspeita de poder ter sido ali a Escola do Infante mas hoje apenas podemos admirar um farol, um dos maiores do mundo, que nos fascina com as suas múltiplas reverberações.

Ao voltarmos para trás, para o interior, encontramos a Serra de Monchique que percorremos encantados, vindo a pé do

Convento do Desterro — hoje em ruínas — por um caminho cheio de poesia que nos traz às Caldas, depois de percorrermos uns 14 quilómetros, mais ou menos da mais bela e variada paisagem, constantemente acompanhados por murmúrios discretos de águas invisíveis. É agora a vez da sinfonia dos verdes, ora tecendo por cima das nossas cabeças um tecto de rendilhada fantasia, feito de ramarias frondosas, ou desdobrando-nos debaixo dos pés tapetes de variados fetos, semeados de margaridas brancas e outras flores campestres deliciosas de ingenuidade. Passamos rapidamente da intimidade de um caminho estreito e sombrio, correndo entre sebe de medronheiros e convidando a confidências, para o deslumbramento da paisagem liberta de todas as peias, descendo vertiginosamente por alcantãs rochosos, perdendo-se num horizonte vastíssimo, sucedendo-se matas frondosas e campinas desertas.

— Ao surgir um novo dia acordamos bem dispostos. O passeio é tentador e sempre tentador um passeio de barco por um rio ainda desconhecido. Assim é para nós o rio que vamos percorrer até Silves que foi uma luxuosa cidade intelectual, cidade dos árabes puros e que o tempo transformou lentamente numa insípida e incaracterística cidadezinha sem qualquer valor além de conservar ainda intactas as muralhas ameaçadas do Castelo de tão famosas tradições. É essa cidade que nos aparece como visão admirável de beleza quando o barco, deslizando pelo rio acima, volta de repente uma curva inesperada. Ao aproximarmos, a cidade, vista por dentro, dá-nos, porém, uma decepção logo compensada com a soberba vista que se disfruta das ameias do Castelo. Ali perto, a Sé, em estilo gótico, com os seus finíssimos vitrais permite-nos sonhar durante uns minutos diante do túmulo vazio de D. João II. Após breve visita pela cidade, embarcamos e lá vamos em busca da Horta de Mata-Mouros onde existe uma estranha lenda relacionada com o Castelo, segundo a qual os mouros, depois de um cerco prolongado e não desejando ain-

da render-se, mas já sem mantimentos, se evadiram por funda cisterna que ainda hoje ali se conserva, vindo sair à Horta por uma ligação subterrânea onde foram, no entanto, surpreendidos e mortos.

Verdade?... Mentira?... A poeira dos séculos dificilmente deixa ver claro nos caminhos que ela esconde. Não há, porém, qualquer poeira sobre o lago cheio de frescura em que enormes chorões se debruçam tornando mais escuras as sombras dos cisnes cuja silvura espalha sobre as águas quietas e misteriosas grandes manchas aladas de irreal brancura, deslizando suavemente entre algas que vêm espreitando à superfície, presas às suas raízes fortes e submersas. Hoje, na Horta de Mata-Mouros, este lago é a única coisa digna de ser visitada.

Voltamos finalmente a Ferragudo, a poética aldeiazinha, onde os caminhos, serpenteando pelos campos, se assemelham a complicado labirinto, quase todos marginais pelas decantadas amenidades do Algarve que a Primavera cada ano veste com os seus longos mantos de noivado e que invariavelmente nos conduzem ao mar, fonte de riqueza para os pescadores de Portimão, sendo a pesca do atum e da sardinha uma das suas principais indústrias.

Em Portimão as luzes começam a acender-se, transformando a cidade numa cascata de lumes. Do outro lado, Ferragudo, alcançando um pequeno montículo, lembra-nos um presépio encantador que nos atrai irresistivelmente.

São 10 horas da noite. No grande livro do Destino a página fica novamente em branco. Faltam apenas umas horas para terminarem as férias. Teremos que esperar um ano para que a palavra mágica nos abra novos horizontes talvez mais vastos... talvez menos... quem sabe?... mas certamente não mais belos do que estes.

E sem querer, recordamos a célebre frase de Camões:

«... ali, onde a terra se acaba e o mar começa...»

Leonor Bello

## VIAJAR — ETERNA AVENTURA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

calcurrear os caminhos a pé, quando no compartimento vizinho se ergueram vozes entoando canções numa língua que não era a nossa. Eram raparigas francesas, campistas, cantando canções alegres da sua região acompanhadas de gestos mimicos — um quadro simpático, barulhento, comunicativo. Duas das raparigas mais distanciadas do grupo entretinham-se a escrever sobre uma folha de papel algumas palavras que eu indiscretamente procurei decifrar.

Aplicavam-se a indagar da nossa vida, detendo-se principalmente dos aspectos sociais e económicos, lá que, como mais tarde me disseram, era a primeira vez que viajavam pela Península Ibérica. Ful o «cicerone» improvisado, sófido, servindo-me dum francês livreiro que as raparigas certamente acharam pretenciosas e imbecil. Então eu falei-lhes de Portugal, das suas importações e exportações, da agricultura e da indústria, da nossa balança comercial deficitária, da vida do nosso povo, do rendimento «per capita», dos nossos escritores e poetas, escrevendo-lhes no bloco os nomes dos nossos artistas que me pareceram os mais representativos do nosso país. Espantaram-se as raparigas com o meu conhecimento da literatura francesa, (esse nefando crime verberado pelo nosso Eça), com a falta de cerimónia como lhes falei dos Sartre, Aragon, Mauriac, eu que não sou professor de literatura nem coisa parecida e tinha aprendido o pouco que sei da língua francesa em convívio com a estouvada heróica de Stendhal e as complicadas fêmeas de Balsac. E as perguntas indiscretas na minha boca afluíam em catadupas, procurando adivinhar as opiniões e os interesses das duas jovens e amáveis francesas que tinham já visitado todos os países nórdicos e frequentemente se deslocavam à Suíça.

Amáveis, essas francesas! Nenhuma delas, ao que presumi, se orientavam pela minha bússola;

itais os caminhos escolhidos e divergentes convergiam para o mesmo amplo espaço onde se pode construir o templo da felicidade humana. Pois, não estavam elas, como eu, interessadas em festejar o progresso, em admirar as fontes de riqueza, em defender a arte, em estreitar laços de amizade entre os povos, em criar sólidas fases de convívio humano? «Nous ne voulons pas la guerre».

Decerto, também nós portugueses não estamos interessados, nem queremos a guerra. «Les maisons de Espagne sont très sales» — disseram-me elas, acompanhando estas palavras com um momo pitoresco; mas das suas bocas nada ouvi que pudesse ferir as minhas susceptibilidades de português. E quando me despedi, um pouco atabalhoadamente, passada a estação da Curia, as raparigas balbuciaram que os portugueses tinham um bom coração. Simples amabilidade, generosa concessão, galanteio, sorriu-me para as duas francesas que não eram talvez bonitas, mas que, nas suas faces saudáveis, irradiavam alegria e simpatia.

Só mais tarde, novamente, num banco doutro comboio, já para lá de Luso, quase a chegar à estação de Mortágua, desdobrando-se ante os meus olhos os pinhais e os restolhos, a terra pobre e escaldada da Beira Alta, eu me dei conta que, por inépcia ou confusão, deixara sem resposta muitas das perguntas que as agradáveis raparigas tinham formulado.

E novamente, depois, numa das estações imediatas, um comboio vindo de Vale Formoso cruzou com o nosso, e através das janelas cheias de poalha de carvão, eu vislumbrei os rostos de outros forasteiros — homens e mulheres que aproveitam as suas férias para viajarem e enriquecerem os seus conhecimentos.

Rodrigues Pena

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.